

# OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

## Dez meditações

---

### 1. O MAIOR DOM DE DEUS

#### Palavras de luz

Na Última Ceia, horas antes de se iniciar a Paixão, Jesus abriu seu coração aos apóstolos, que estavam com ele à mesa. Era a hora emotiva da despedida, e Ele os encorajou e consolou com ternura: *Filhinhos meus, por um pouco ainda estou convosco... Agora deixo o mundo e volto para junto do Pai... Não se perturbe o vosso coração... Não vos deixarei órfãos... Como o Pai me ama, assim também eu vos amo... Vós sois meus amigos...* (Cf. Jo cap. 13 a 17).

Nesse clima carinhoso, de repente o Senhor pronunciou umas palavras que deixaram os discípulos aturdidos, desconcertados: *Digo-vos a verdade: convém a vós que eu vá! Porque se eu não for, o Paráclito [o Espírito Santo] não virá a vós; mas se eu for, vo-lo enviarei* (Jo 16, 7).

Os apóstolos sofriam com a despedida, mas não imaginavam que essa separação pudesse ser, como Jesus acabava de dizer, necessária, “conveniente”, um “bem” para eles.

Que queria dizer Jesus com essas palavras?

Só encontramos a resposta quando conseguimos entender que aquela noite da Quinta-feira santa e os dias seguintes (sexta da Paixão e domingo da Ressurreição), foram a “hora” de Jesus (Jo 12, 27), a “hora” da Salvação ardentemente esperada por Ele (Lc 12, 50), a “hora” em que completou a sua entrega redentora – que era a razão da sua vinda ao mundo (Jo 10, 10-11 e 28) –, e em que levou até ao cume o seu Amor (Jo 13, 1 e 19, 30).

#### **Duas faces do mistério da Redenção**

O mistério da “hora” de Jesus tem – como uma lâmina preciosa de ouro fino – duas faces.

- A primeira é o Sacrifício da Cruz: Jesus dá a vida para expiar os nossos pecados: Ele é o *Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo* (Jo 1, 29). Meses antes já havia anunciado que viera ao mundo para *dar a vida pela salvação de muitos* (Mt 20, 28). E São Paulo, frisar, concisamente: *Veio a este mundo para salvar os pecadores* (1Tm 1, 15).

«Na Paixão de Jesus – diz Bento XVI –, toda a imundície do mundo entrou em contato com o imensamente Puro, com a alma de Jesus Cristo e, desse modo, com o próprio Filho de Deus... Nesse contato, a imundície do mundo é realmente absorvida, anulada, transformada por meio do sofrimento do amor infinito»<sup>1</sup>.

● A segunda face é o envio do Espírito Santo como «fruto da Cruz»<sup>2</sup>. *Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para estar convosco para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece, mas vós o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós* (Jo 14, 16-17).

Alguns Santos Padres dos primeiros séculos entendiam que as palavras *entregou o espírito*, com que São Mateus conclui a narração da morte de Cristo (Mt 27/50), na realidade se referiam ao Espírito Santo, e deveriam ser traduzidas por “enviou, entregou-nos o Espírito”.

Quer dizer que, uma vez consumado o Sacrifício que nos resgata do pecado, nosso Senhor envia à sua Igreja, e às almas de cada um de nós, o Espírito Santo – o Amor divino em Pessoa, o Amor da Trindade –, como fonte de Vida nova, sobrenatural,

A vinda do Espírito Santo, *que o Pai enviará em meu nome* (Jo 14, 26), é, sem dúvida, o maior “fruto” do Sacrifício redentor. “Lavados”<sup>3</sup> os nossos pecados na Cruz, as almas redimidas, justificadas, têm as portas abertas para receberem o Amor de Deus e viver dele, nele e com ele numa santa intimidade.

São Paulo expressava isso de modo vivo: *O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado* (Rm 5, 5).

### **A fonte de todos os dons**

Com esse Dom do Espírito Santo, vêm – como de uma fonte – todos os outros dons sobrenaturais, que nos “divinizam” e nos permitem pensar, falar, sentir e agir como filhos de Deus, identificados com Cristo, e nos conduzem à Vida eterna. Esses dons ou graças são:

- a graça santificante
- as virtudes sobrenaturais infusas (especialmente a fé, a esperança e a caridade)
- os carismas
- as graças sacramentais

---

<sup>1</sup> *Jesus de Nazaré*, vol. III, p. 209

<sup>2</sup> São Josemaria Escrivá: *É Cristo que passa*, n. 137

<sup>3</sup> *Aquele que nos ama, que nos lavou de nossos pecados no seu sangue* (Ap 1, 5)

— os “dons do Espírito Santo”...

A fé da Igreja enumera sete dons do Espírito Santo, baseada em palavras do profeta Isaías (Is 11, 1-2) e de São Paulo (Gl 4,6):

«Sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus»<sup>4</sup>.

Esses dons – ensina o *Catecismo* – são «disposições permanentes que tornam o homem dócil para seguir os impulsos do Espírito Santo» e «completam e levam à perfeição as virtudes daqueles que os recebem»<sup>5</sup>.

Alguns teólogos os comparam a “antenas” sobrenaturais que captam a voz e os impulsos do Espírito Santo; ou às velas estendidas de um barco que acolhem o sopro do vento propício – o “pneuma”, o Espírito Santo –que faz navegar, suave e eficazmente, rumo à santidade

Nas próximas páginas procuraremos meditar sobre esses sete dons. Invoquemos desde já a assistência do Espírito Santo com uma das mais antigas e belas orações que a Liturgia conserva, a chamada Sequência de Pentecostes:

— Vinde, Espírito Santo,/ e enviai do Céu /um raio da vossa luz.  
Vinde, Pai dos pobres;/ vinde, doador das graças;/ vinde, luz dos corações.  
Consolador ótimo,/ doce hóspede da alma,/ doce refrigerio.  
Descanso no trabalho,/ no ardor, tranquilidade,/ consolo no pranto.  
Ó luz santíssima!/ enchei o mais íntimo/ dos corações dos vossos fiéis.  
Sem a vossa ajuda,/ nada há no homem,/ nada que seja inocente.  
Lava o que está sujo,/ rega o que é árido,/ cura o que está doente.  
Dobra o que é rígido,/ aquece o que está frio,/ dirige o que está desviado.  
Concedei a vossos fiéis,/ que em Vós confiam,/ vossos sete dons sagrados.  
Dai o mérito da virtude,/ dai o porto da salvação,/ dai a eterna alegria.

---

<sup>4</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1831

<sup>5</sup> *Ibidem*, nn. 1830-1831

## **2. O DOM DE SABEDORIA**

### **Uma sintonia de amor com Deus**

Vamos iniciar as nossas meditações sobre os dons do Espírito Santo, começando pelo dom de Sabedoria.

É muito bela a descrição desse dom feita certa vez por São João Paulo II, em uma das suas alocuções de meio-dia de domingo (1989)<sup>6</sup>. Dizia que é um *conhecimento das coisas de Deus impregnado de amor*, graças ao qual a nossa alma ganha familiaridade cordial com as realidades divinas e chega a ter delas um conhecimento amoroso, saboroso, delicioso e feliz.

Deixa bem claro que a Sabedoria que o Espírito Santo infunde nas almas que estão em graça de Deus, não é uma sabedoria de sala de aula, nem o conhecimento teórico de um conjunto de verdades por profundo que seja, mas um saber amoroso, que cumula de luz e calor a inteligência e o coração, e nos faz entrar numa feliz “afinidade” com Deus.

Só o amor permite conhecer bem a Deus – que é *Amor* (1 Jo 4, 8) –, e entendê-lo. De uma forma parecida, na vida diária só o amor nos faz capazes de conhecer e compreender bem as pessoas. Sem amor, achamos que as conhecemos, mas ficamos no escuro e apenas enxergamos verdades parciais, sombras, imagens confusas, misturadas com preconceitos e dúvidas.

Como é fácil estar entre aqueles de que Jesus falava, citando o profeta Isaías: *têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem*.

Por que isso? Porque lhes falta a graça de Deus, porque lhes falta o amor que o *Espírito Santo derrama nos corações* (cf. Rm 5, 5) e, por isso, *seu coração se endureceu e, já não compreendem nada nem se convertem* (cf. Mt 13, 14-15 e Is 6, 9-10). Se não abrirmos a alma à graça de Deus pela sinceridade e o arrependimento, a nossa fé vai secar e o nosso coração ficará blindado pela crosta do egoísmo, do pecado que cega para as coisas de Deus.

### **O amor sincero**

Mas, se tivermos boa vontade e formos capazes de nos arrependermos sinceramente, o Espírito Santo nos concederá, juntamente com a graça, o dom de Sabedoria. Inflamará, então, o nosso coração e experimentaremos, maravilhados, as

---

<sup>6</sup> Os textos de São João Paulo II sobre os dons do Espírito Santo, citados em quase todos os capítulos deste livro, podem ser encontrados no *site do Vaticano*, [www.vatican.va/João Paulo II/Angelus e Regina Caeli de 1989](http://www.vatican.va/João_Paulo_II/Angelus_e_Regina_Caeli_de_1989).

grandezas de Deus, as belezas de Deus, as bondades de Deus, os abismos de luz dos mistérios de Deus, as maravilhas da Graça divina e as exigências santas de seu Amor!

É uma felicidade que não tem igual na terra, e que já é um prenúncio do Céu. Então, as coisas de Deus nunca nos parecerão pesadas, ou exageradas, ou negativas ou desagradáveis. Ler a Bíblia e rezar, por exemplo, ou participar ativamente da Missa, nos trará uma grande felicidade.

Saboreemos dois breves testemunhos da ação desse dom na alma:

— Quando Santo Agostinho evocava a sua conversão, escrevia, comovido: «Tu, Senhor, estavas comigo e eu não estava contigo... Brilhaste, resplandeceste diante de mim, e expulsaste dos meus olhos a cegueira. Exalaste o teu espírito e aspirei o seu perfume, e desejei-te. Saboreei-te, e agora tenho fome e sede de ti»<sup>7</sup>.

— O poeta francês converso, Paul Claudel resumia: «Do lado em que há mais alegria é que há mais verdade»<sup>8</sup>. Frase que é igualmente verdadeira dita ao contrário: «Do lado em que há mais verdade é que há mais alegria». Ele experimentou que a Sabedoria que o Espírito Santo infunde na alma com esse dom é o “conhecimento feliz” de Deus.

### **O amor e a alegria levam à doação**

Não esqueçamos, porém, que esse conhecimento amoroso e feliz, fruto do dom de Sabedoria, não fica só, nem principalmente, nos sentimentos. Justamente por ser um conhecimento de amor autêntico, ele nos leva à doação, ao sacrifício generoso, à obediência à vontade de Deus. Ou seja, nos compromete.

Lembre-se de que, no dia da Transfiguração, São Pedro, extasiado ao ver Jesus radiante de luz no alto do monte Tabor, queria deixar-se ficar lá para sempre: *Como é bom ficarmos aqui; vamos fazer três tendas e acampar...* Em resposta, Jesus lhe esclareceu que, se lhes tinha feito desfrutar aquela maravilha, era para que estivessem preparados para tomar a cruz e acompanhar o seu Senhor até o Calvário (Lc 9, 28-36).

É repisando isso que Jesus, na Última Ceia, disse: *Se me amais, guardareis os meus mandamentos. E: Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos.*

A mesma coisa repete São João, o apóstolo que na Ceia esteve ao lado de Jesus: *Eis como sabemos que conhecemos Jesus Cristo: se guardarmos os seus mandamentos.*

---

<sup>7</sup> *As confissões*, Ed. Quadrante, pp. 223-224

<sup>8</sup> *Partage du midi* (drama)

*Aquele que diz conhecê-lo e não guarda os seus mandamentos é mentiroso e a verdade não está nele. Aquele, porém, que guarda a sua palavra, nele o amor de Deus é verdadeiramente perfeito. Jesus deu a sua vida por nós; nós também devemos dar a nossa vida (Jo 14,15 e Jo 15,13; 1 Jo 2,3-5 e 3,16).*

Não sejamos do tipo de cristão que fala muito de Deus, que parece cheio de sabedoria, que até pretende dar lições aos outros e, no entanto, está atolado em erros e pecados porque não leva a sério os mandamentos de Deus. É a homens e mulheres assim que escrevia São João estas palavras: *“Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas por atos e em verdade” (1 Jo 3, 18).*

Pelo contrário, peçamos a Deus que nos dê a sinceridade dos bons cristãos que, embora se vejam fracos e pecadores, não querem enganar-se a si mesmos. *“Pai nosso – digamos –, fazei com que a alegria deslumbrante de conhecer o vosso Filho Jesus inflame em nós o desejo de amá-lo muito, com atos e de verdade, de agradá-lo em todas as ações e de cumprir a sua santa Vontade, vivendo fielmente os mandamentos de Deus e da Igreja”.*

### **O grande segredo**

Na *“alegria deslumbrante de conhecer Jesus”*, que acabamos de pedir a Deus, está o grande segredo do cristão. Quando conhecemos Cristo de verdade, nós somos fortemente arrebatados pelo seu amor e, então, no tornamos capazes de assumir, por Ele, os grandes ideais cristãos, com todas as suas exigências e compromissos. Por isso, todos deveríamos desejar o que São Paulo pedia na Carta aos Efésios:

*Que sejais poderosamente robustecidos pelo seu Espírito em vista do crescimento do vosso homem interior. Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados no amor, a fim de que possais compreender, com todos os santos, qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, isto é, conhecer o amor de Cristo, que desafia todo conhecimento, e sejais cheios de toda a plenitude de Deus (Ef 3, 16-19).*

Os santos experimentavam esse desejo ardente de São Paulo, que é uma manifestação palpável do dom de Sabedoria: *«Jesus – dizia São Josemaria Escrivá –, ver-Te, falar contigo! Permanecer assim, contemplando-Te, abismado na imensidade da tua formosura, e não cessar nunca, nunca, nessa contemplação! Oh, Cristo, quem Te pudesse ver! Quem Te pudesse ver, para ficar ferido de amor por Ti!»<sup>9</sup>.*

### **Peçamos a Nossa Senhora:**

---

<sup>9</sup> *Santo Rosário*, Apêndice (Mistérios de Luz)

— “Mãe, Esposa do Espírito Santo, consegui do Espírito divino para nós que cada vez nos enamore mais o Rosto de Cristo, e a Palavra de Cristo, e a Vida de Cristo e a Morte de Cristo... Que o procuremos com ânsia, com uma sede que a cada dia cresça mais e mais, e estejamos decididos a imitá-Lo, a segui-Lo e a abraçá-Lo como nosso único bem, como o nosso único *Caminho, Verdade e Vida*.

— “Mãe, nós vos pedimos que o vosso Coração Imaculado nos ajude de tal modo, que possamos proclamar agora e na hora da nossa morte: *Nós conhecemos o Amor de Deus e acreditamos nele*.

— Bem sabemos que, infelizmente, quando esse dom é expulso da alma por nossa culpa, as coisas de Deus se nos tornam insípidas e tediosas, assim como os mais deliciosos manjares se tornam repugnantes ao paladar estragado. Não permitais, Mãe do belo amor, que as coisas de Deus cheguem a nos causar jamais nem cansaço, nem repugnância, nem tédio (por nos termos afundado no abismo da tibieza), mas sejam a fonte límpida da alegria do nosso coração”<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Cf. F. Faus: *A tibieza e os dons do Espírito Santo*, Quadrante 2006

### **3. O DOM DE ENTENDIMENTO**

#### **Para entender as verdades**

Mediante o dom de Entendimento, o Espírito Santo faz com que a nossa inteligência entenda de maneira lúcida, sem deturpações nem erros, o significado autêntico das verdades reveladas por Deus, transmitidas pela Tradição apostólica, estampadas na Bíblia e conservadas e interpretadas fielmente pelo Magistério da Igreja.

Sem esse dom do Espírito Santo, poderíamos saber de cor o teor literal dessas verdades, recitar o *Creio em Deus Pai* e repetir pontos da Bíblia ou do Catecismo sem nenhuma falha, e, mesmo assim, ficaríamos sem penetrar nessas doutrinas.

Ou, então – o que seria bem pior –, as interpretaríamos erradamente, adaptando as verdades aos nossos gostos, desejos e paixões (pense, por exemplo, naqueles que alteram as verdades sobre o Sacramento do Matrimônio, sobre a Confissão, sobre o pecado); ou ainda – coisa hoje fácil de acontecer – faríamos uma mistura de ideias cristãs com pensamentos não cristãos, credices e superstições, numa liga incoerente de fé e de opiniões contrárias à Verdade.

#### **Corações abertos**

O que o dom de entendimento faz conosco é “acender” a luz de Deus dentro de cada uma dessas verdades cristãs.

Poderíamos fazer uma comparação. Assim como o milagre da Transfiguração (Mt 17, 1 ss) fez contemplar com luz divina a figura humana de Cristo – que não se podia enxergar com os olhos humanos –, assim o dom de entendimento “transfigura”, por assim dizer, as verdades da fé que já conhecemos, e faz com que as vejamos com uma luminosidade clara e profunda. «Que eu veja com teus olhos, Cristo meu – pedia São Josemaria –, Jesus da minha alma».

Vejamos alguns exemplos. Basta lembrar três:

— O primeiro é citado por João Paulo II justamente para ilustrar esse dom. Trata-se da cena dos discípulos de Emaús que, mesmo andando com Jesus – depois da Ressurreição – e conversando com Ele no caminho, *tinham os olhos como que vendados e não o reconheceram*.

Só depois de entrar em casa e sentar-se à mesa com Ele, no preciso momento em que nosso Senhor repetiu ali o gesto da *fração do pão*, é que *se lhes abriram os olhos e o reconheceram* (Lc 24, 16 ss.). Instantes antes, não captavam nada e até se enganavam a si mesmos, amargando a morte de Cristo. Agora, acreditam que vive e entendem tudo. O Espírito Santo concedeu-lhes esse dom.



— O segundo fato aconteceu também durante uma aparição de Jesus ressuscitado. Desta vez, Ele foi ao encontro dos onze Apóstolos (pois Judas já não estava), reunidos no Cenáculo. Nosso Senhor achou-os ainda perturbados, cheios de dúvidas. Então, após mostrar-lhes as chagas das mãos e dos pés e comer diante deles, como prova de que estava vivo, comunicou-lhes o dom do entendimento: *Abriu-lhes então o espírito para que compreendessem as Escrituras* (Lc 24, 38 ss.): aqueles textos do Antigo Testamento – sobretudo dos Salmos e dos Profetas – que, quando o Espírito Santo abre os olhos da mente, nos deixam boquiabertos, pois “captamos”, com emoção, que narram, com muitos séculos de antecedência, a vida de Jesus, os detalhes de sua Paixão, a sua Morte e Ressurreição de modo impressionante.

— A terceira cena é narrada nos Atos dos Apóstolos. É um episódio muito bonito, da época em que São Paulo começou a difundir o Evangelho na cidade de Filipos, na região da Macedônia. Pregava ao ar livre, num lugar tranquilo junto de um rio, onde se reuniam judeus e pagãos devotos para orar. Lá se encontrava, prestando muita atenção, uma mulher piedosa, uma pagã que adorava o Deus único.

São Lucas, que esteve presente aos fatos, conta-nos o episódio: *Uma mulher chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava. O Senhor abriu-lhe o coração para atender às coisas que Paulo dizia. Foi batizada com toda a sua família* (At 16, 14-15). Em poucas palavras, quase como num telegrama, São Lucas conta-nos como o dom de entendimento transformou uma pagã sincera, cheia de boa vontade e, através dela, toda uma família.

É ilustrativo o que escreve Santa Teresa de Ávila na sua autobiografia: «É como se alguém, sem ter aprendido nem trabalhado nada para saber ler, nem mesmo estudado coisa alguma, se visse na posse de toda a ciência, sem saber como nem de onde lhe veio... De um momento para outro, a alma se vê tão instruída no mistério da Santíssima Trindade e em outras coisas muito subidas, que não há teólogo com quem não se atreva a discutir sobre a verdade dessas grandezas»<sup>11</sup>.

Pensando em almas como a dela, Jesus dava graças a Deus Pai: *Bendigo-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque isso foi do teu agrado* (Lc 10, 21).

### **Corações fechados**

É bom que nos perguntemos: Será que a minha alma está sinceramente aberta para receber esse dom?

Porque a Bíblia fala de outros que se fecharam à luz do Espírito Santo. A começar por aqueles fariseus que trancavam com orgulho o coração perante a pregação de Jesus: *Nós – diziam – somos discípulos de Moisés, mas este homem não sabemos de onde é* (Jo 9,29).

---

<sup>11</sup> *Livro da Vida, 27, 8-9*

Não suportavam a doutrina de Jesus, porque Cristo desmascarava a sua religiosidade formalista, hipócrita e interesseira. E nosso Senhor teve que lhes dizer coisas duras: *Por que não compreendeis a minha linguagem? Quem é de Deus ouve as palavras de Deus, e se vós não as ouvis é porque não sois de Deus* (Jo 8, 43 e 47).

Há pessoas que “não são de Deus”, porque seu único “deus” são elas próprias, e, por isso, nada querem nem saber de Deus, nem da religião verdadeira, nem da autêntica prática religiosa. Sem reparar, se jogam nas mãos do demônio, que é o “pai da mentira”. *Por que não compreendeis? – dizia Jesus com tristeza –. Vós tendes como pai o demônio... Ele não permaneceu na verdade... Quando diz a mentira fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira* (Jo 8, 43-44).

Pensemos um pouco mais. Por que é que bastantes pessoas – talvez nós mesmos – não querem conhecer a fundo a verdade sobre Deus, aprofundar na fé cristã?

Uns não querem conhecer as Verdades por má vontade, simplesmente porque não querem mudar, como aquele governador romano chamado Félix que conversava com São Paulo, quando o Apóstolo estava preso em Cesareia marítima. Conta São Lucas, nos Atos dos Apóstolos, que Félix *ouvia Paulo falar da fé em Jesus Cristo; mas, quando Paulo começou a falar sobre a santidade, a castidade e o juízo futuro, Félix, todo atemorizado, disse-lhe: Por ora, podes retirar-te. Eu te ouvirei em outra ocasião* (At 24, 24). Não queria mudar a sua conduta licenciosa, e por isso *não queria saber*, e afastou os ouvidos da verdade. Preferia virar as costas às verdades que o incomodavam.

Outros, infelizmente, são vítimas da ignorância; ou, então, se deixaram envolver, sem reparar, pelos erros e ideologias que hoje estão tão difundidos – inclusive em ambientes católicos –, e que são falsas interpretações da doutrina de Cristo, do ensinamento da Igreja e até das verdades naturais sobre o homem.

Outros ainda, além de comodistas e superficiais, são convencidos: em vez de estudarem a doutrina católica, de aprofundarem nela e de meditá-la seriamente, se dedicam a exibir uma sabedoria que não têm, e opinam à toa sobre coisas que desconhecem... “Eu acho” – dizem ... “Eu penso assim” ... “Não acredito nisso” ... No lugar do dom de entendimento, eles têm a fumaça da confusão. Em vez de estudar a doutrina, praticam o “achismo”. Como dizia o poeta espanhol Antonio Machado, «desprezam quanto ignoram».

### **“As maravilhas de um mundo novo”<sup>12</sup>**

Quando se conhece a verdade com exatidão, tal como a explica o Magistério da Igreja e tal como a ensinam os bons catecismos – a começar pelo *Catecismo da Igreja*

---

<sup>12</sup> Cf. São Josemaria Escrivá, *Caminho*, n. 283

*Católica* e o seu *Compêndio* -, então o Espírito Santo, com o dom de entendimento, acende luzes de inteligência insuspeitadas, esplêndidas, sobre as verdades conhecidas.

Quantas pessoas, após a decisão de buscar, estudar, meditar e aprofundar sinceramente na verdade, têm recebido, por exemplo, luzes divinas para entender todas as dimensões da “loucura de amor” da sagrada Eucaristia! Ficam “bobas” e lhes dói muito lembrar-se da ideia pobre, paupérrima, que tinham antes desse Sacramento.

O dom de entendimento lançou luzes que os deixaram pasmados quando perceberam que, ao entregar-se a nós na Eucaristia, Jesus *amou-nos até ao fim* (Jo 13, 1); que, na Santa Missa, o sacrifício redentor de Cristo na Cruz se torna realmente presente, ultrapassando os limites do espaço e do tempo; que, no Sacrário, está Jesus em pessoa o dia inteiro à nossa disposição, desejando a nossa companhia, como na casa de Lázaro, Marta e Maria (cf. Lc 10, 38-42).

Ao “descobrir” isso, como não vamos sentir um desejo ardente de participar mais frequentemente da Missa? Como não vamos achar o jeito de visitar mais vezes Jesus no sacrário, numa igreja ou numa capela, e de ficar lá, junto dele, um bom tempo em adoração? Como não vamos sentir com força a necessidade de receber a Santa Comunhão com a maior frequência possível? E de nos prepararmos para comungar purificando bem a nossa alma – sempre que for preciso, pela Confissão pessoal –, pois sabemos, pela fé, que vamos receber o Filho de Deus, Jesus, com seu Corpo, seu Sangue, sua Alma e sua Divindade?

É natural, então, que amemos também o Sacramento da Reconciliação, a Confissão individual dos nossos pecados, que nos leva de volta, como o filho pródigo, à Casa do Pai, desse Pai-Deus que sempre nos espera pessoalmente, que nos abraça com imenso carinho, que nos cobre de beijos e nos cumula de dons. E, depois, nos alimenta com o banquete do Pão do Céu (cf. Lc 15, 11 ss).

A meditação dessas realidades, além de acender na nossa alma o desejo de conhecer cada vez melhor a nossa fé, é natural que desperte um grande desejo de difundir as verdades da fé, de ser semeadores de boa doutrina na família, entre os amigos, em colégios, em grupos de catequese, etc. *Ide, pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda criatura* (Mc 16, 15).

### ***Peçamos a Nossa Senhora:***

“Nos vós pedimos, Santa Mãe de Deus, a luz da fé que abre a alma ao “esplendor da Verdade”, que nos liberta, como dizia São Josemaria, da «visão plana, pegada à terra, de duas dimensões», e nos inunda os olhos e a alma da visão sobrenatural, do clarão fulgurante da fé, que nos dá «a terceira dimensão: a altura. E, com ela, o relevo o peso e o volume»<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> *Caminho*, n. 279

“Purificai os nossos olhos, Mãe, das sombras do orgulho intelectual, que julga saber das coisas de Deus mais do que o próprio Deus, mais do que a Santa Igreja, e faz com que os pseudo-sábios orgulhosos (que muito leram e pouco entenderam), «passem pela vida como por um túnel— como dizia São Josemaria —, e não compreendam o esplendor e a segurança e o calor do sol da fé»<sup>14</sup>.

“Intercedei por nós, para que o divino Espírito Santo nos faça ouvir aquelas palavras de Jesus que jamais deveríamos esquecer: *Eu sou a luz do mundo. Aquele que me segue não andar*á nas trevas, porque terá a luz da vida (Jo 8, 12)<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> *Idem*, n. 575

<sup>15</sup> Cf. *A tibieza e os dons do Espírito Santo*, já citado.

## **4. O DOM DE CIÊNCIA**

### **Luz para entender-nos e entender o mundo**

O Papa João Paulo II – que, nestas páginas, nos guia sobre a doutrina dos dons – dizia que, graças a esse dom, o Espírito Santo nos dá a conhecer «o verdadeiro valor das coisas criadas na sua relação com o Criador», ou seja, o sentido autêntico que as coisas do mundo têm aos olhos de Deus, e, portanto, o sentido que deveriam ter também aos nossos olhos.

Esse dom faz com que possamos enxergar “com os olhos de Deus” a finalidade, o significado e o valor da Criação, da vida humana, da natureza, dos bens materiais, do nosso corpo, do sexo, da saúde, da dor, do prazer, do trabalho e do descanso, em suma, de todas as realidades deste mundo.

Não é preciso repisar na falta que nos faz esse dom, pois é bem fácil, no mundo atual, perder-se no nevoeiro cerrado do materialismo.

### **O encanto da criação de Deus**

Todos nós temos a experiência de que as realidades deste mundo criado nos atraem. Elas têm um encanto, um fascínio, que lhes vêm de Deus, porque são obra d'Ele. Mas, depois que o pecado entrou no mundo, esse encantamento das criaturas ficou ambíguo e perigoso: tanto pode cativar-nos com uma atração boa que eleva para o Criador, como seduzir-nos e desviar-nos com uma atração má que leva à perdição.

A atração boa é a admiração, o deleite que experimentamos ao contemplarmos a beleza das obras de Deus. É aquela sensação de enlevo que temos ao contemplar as maravilhas da natureza, o fascínio do mar num dia ensolarado; ou a beleza da paisagem que se avista do alto de uma montanha; ou, ainda, a graça, a riqueza e a variedade dos seres vivos – da “criaçõzinha de Deus”, como dizia um poeta –; e sobretudo a grandeza e beleza do ser humano, da mulher, do homem, da criança...; assim como as maravilhas que os seres humanos, criados *à imagem e semelhança de Deus*, foram capazes de realizar ao longo dos séculos no campo das artes, das ciências, da técnica...

Através dessa contemplação e mediante o dom de ciência, o Espírito Santo nos move a cantar a glória de Deus e as suas grandezas, e a viver numa contínua ação de graças. Era isso o que elevava, por exemplo, São Francisco de Assis ao júbilo de louvar a Deus pelo sol, pela lua, pelo vento, pela água, pelo fogo, por todas as criaturas: «Louvado sejas, meu Senhor, no conjunto de todas as vossas criaturas, especialmente pelo irmão sol... Ele é belo e radiante com grande esplendor, e traz o vosso sinal, ó Altíssimo...

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, a qual é muito útil e humilde e preciosa e casta...»

»Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual iluminais a noite, e ele é belo e alegre e vigoroso e forte... Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã e mãe terra, que nos alimenta e produz variados frutos e coloridas flores e ervas... ».

É comovente ouvir esse poema de louvor, impregnado de amor ao Criador... Mas é ainda mais tocante ver São Francisco maravilhar-se com o bom coração dos homens, seus irmãos: «Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por vosso amor, e por amor suportam as enfermidades e tribulações...».

Os santos aprenderam com Jesus a enxergar assim a realidade. Com as suas parábolas, Cristo ensinava os mais elevados mistérios de Deus utilizando-se de comparações tiradas da natureza: do campo, da pesca, das aves do céu, e da vida cotidiana dos homens: do semeador, da mulher que prepara o pão em casa, a viúva que dá uma esmolinha, do homem que constrói uma torre, do rei que convida ao casamento do filho...

Esse é o olhar certo. Dele falava São Paulo aos romanos: *De fato, as perfeições invisíveis de Deus são percebidas pela inteligência através das suas obras, desde a criação do mundo* (Rm 1, 20).

### **Nem todo olhar é certo**

O Livro da Sabedoria dizia a mesma coisa que São Paulo escreveria depois, mas pelo ângulo sombrio, falando da estupidez dos insensatos que não souberam reconhecer o *Artista divino, considerando as suas obras* (Sab 13,1).

Quando nós vemos as coisas com os olhos de Deus, compreendemos o plano que o Senhor quis para elas, a ordem santa da Criação, ou seja, a *lei de Deus* que, para o nosso bem, nos manda respeitar – sem exceções – a vida humana desde o primeiro instante da concepção até a morte natural; a lei de Deus que nos manda viver a castidade e respeitar, assim, a grandeza do sexo, que Ele destinou ao amor fiel e à procriação dentro do casamento; a santa lei de Deus que nos ensina a usar de maneira *sóbria, justa e temperada* (Tit 2, 12) as riquezas materiais, o alimento, a bebida, o esporte, as distrações e os prazeres sadios do mundo; sem esquecer-nos nunca do que Jesus dizia: *De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro, se vem a perder a sua alma?* (Mt 8,38).

Esta vida em harmonia com a Vontade de Deus é que é a autêntica “vida boa”, a única que nos pode dar a paz e a felicidade aqui na terra e depois no Céu. Aí está é a verdadeira “ciência do viver”.

A *falsa ciência* (cf. 1 Tm 6, 20), pelo contrário, é a atitude dos que não querem saber da lei de Deus nem dos seus planos sábios e santos, e só querem obedecer à lei do egoísmo, do desejo, do prazer, do gosto: essa é a “atração má” de que falávamos antes.

É pena que poucos o entendam assim e se deixem arrastar pela visão mundana, que faz do prazer egoísta, do dinheiro e da ambição um ídolo que atropela a fé e a moral, que acaba com frequência com a saúde física e psíquica, fazendo atolar nos “brejos” do alcoolismo, das drogas, das desordens sexuais, pulverizando o amor humano e arruinando o casamento e a família.

Se tivéssemos um mínimo de responsabilidade, ao verificarmos diariamente essas realidades, compreenderíamos o dever grave que temos de dar exemplo com a nossa conduta moral, de cuidar muito da educação moral dos filhos, ajudando-os a entender e a amar a grandeza e a beleza da lei de Deus; e lutaríamos, de maneira positiva, para difundir a verdade sobre a dignidade do ser humano, sobre o matrimônio estável e fiel, sobre as aberrações do aborto e da eutanásia.

Quantos pais irresponsáveis, no entanto, deixam, sem nada fazer, que os filhos – desde muito crianças – sejam arrastados pela enxurrada materialista deste mundo, que os desorienta e lhes faz perder o autêntico sentido da vida (iludidos por amizades hedonistas, por mestres embriagados de ideologias anticristãs, pelo uso doentio e escravizador da Internet, dos videogames, das redes sociais, da tv, etc).

### **Ver a vida com os olhos de Deus**

Mas a nossa meditação sobre o dom de ciência ficaria incompleta se não falássemos de outro modo maravilhoso de ver o mundo com os olhos de Deus.

Dizíamos que a criação, vista com olhos puros, nos leva a louvar a Deus e também a descobrir que a harmonia e o bem do mundo criado só se alcança obedecendo a lei que o Criador lhe deu. Mas Deus nos mostra ainda outra beleza. Ele nos ensina que, no mundo, os nossos trabalhos e deveres cotidianos – familiares, profissionais, sociais –, até mesmo os mais materiais e simples, podem ser um caminho de amor que conduz a Deus.

Vale a pena meditar nisso brevemente. Nada melhor, nesta matéria, que escutar as palavras de um santo que, na nossa época, foi o mensageiro escolhido por Deus para difundir esse ideal cristão: São Josemaria Escrivá. Escutemos alguns dos seus ensinamentos, extraídos da homilia *Amar o mundo apaixonadamente*:

«O mundo não é ruim, porque saiu das mãos de Deus... Nós, os homens, é que o fazemos ruim e feio, com os nossos pecados e as nossas infidelidades» [...] Dentro desse mundo que, em si mesmo, é bom, «Deus nos espera em cada dia: no laboratório, na sala

de operações de um hospital, no quartel, na cátedra universitária, na fábrica, na oficina, no campo, no seio do lar e em todo o imenso panorama do trabalho. Não esqueçam nunca: há *algo* de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós compete descobrir»

Em que consiste esse *algo* de santo, de divino?

Na possibilidade que temos a toda hora de trabalhar e cumprir os deveres cotidianos – mesmo os mais insignificantes – com perfeição, por amor a Deus e ao próximo: transformando-os numa oferenda a Deus e num serviço aos demais.

«Eu lhes asseguro, meus filhos – prosseguia São Josemaria –, que quando um cristão desempenha com amor a mais intrascedente das ações diárias, está desempenhando algo de onde transborda a transcendência de Deus... Não há outro caminho: ou sabemos encontrar o Senhor na nossa vida de todos os dias, ou não o encontraremos nunca».

É um ensinamento que faz compreender que a santidade é possível a todos, está ao alcance de todos os cristãos de boa vontade: mulheres e homens, casados e solteiros, trabalhadores manuais e trabalhadores intelectuais.

Essa doutrina, de raiz evangélica, ajuda-nos a ver o casamento e a família na sua dimensão divina: como uma vocação para a santidade e um serviço à sociedade; faz com que também possamos encarar o trabalho como uma vocação divina, que nos chama a ser santos através incidências das tarefas cotidianas realizadas com amor, e a fazer apostolado com colegas, amigos, parentes ... A santidade cristã no meio do mundo é um grande ideal!

Deus espera que, no meio da nossa vida simples e aparentemente vulgar, sejamos, como diz São Paulo, *filhos de Deus, santos e irrepreensíveis na sua presença* (Ef 1, 4).

### ***Peçamos a Nossa Senhora:***

“Mãe nossa, fazei-nos compreender, querer e amar os verdadeiros valores, sem cair na tentação de *servir a dois senhores*, a Deus e aos anseios sôfregos de dinheiro, de prazer, de triunfo meramente terreno e de glória mundana.

“Livrai-nos de cair na cilada de pensar e querer ‘como todo o mundo pensa’, e de deixar-nos apanhar pela teia de aranha do ‘politicamente correto’, que muitas vezes é a antítese da verdade e do autêntico bem.

“Dai-nos vossos olhos, cheios da luz de Deus, para enxergar o mundo e amá-lo com a pureza, o encantamento e a alegria do vosso coração imaculado. Ajudai-nos a contemplar o mundo com o amor de Jesus, que deu a vida para santificá-lo e salvá-lo”.



## **5. O DOM DE CONSELHO**

### **Uma ajuda importante**

Quando, no dia 7 de maio de 1989, São João Paulo II falou do dom de Conselho, dizia que, mediante esse dom, o Espírito Santo enriquece e aperfeiçoa a virtude da *prudência* (necessária para fazer escolhas e planos certos, e para tomar decisões acertadas), e ilumina interiormente a alma sobre o que devemos fazer, especialmente quando se trata de opções importantes. Dizia que é como “um sopro” do Espírito Santo dentro da nossa consciência.

Basta recordar essa doutrina para perceber o quanto nos faz falta este dom do Espírito Santo.

Não é fácil acertar, sem a ajuda de Deus, quando temos que tomar decisões importantes sobre tantas coisas:

- sobre a escolha da vocação;
- sobre casar ou não com uma determinada pessoa;
- sobre procurar ter ou não mais um filho;
- sobre a escolha entre um trabalho honesto e pouco lucrativo e outro mais lucrativo mas moralmente duvidoso;
- sobre matricular um filho numa escola tecnicamente boa, mas que transmite erros sobre a fé e a moral, ou em outra escola um pouco inferior, que não prejudica a fé e a moral dos alunos;
- sobre o que fazer quando surgem problemas difíceis na vida dos filhos, como ajudar um filho que já se envolveu com drogas;
- sobre dúvidas, como a de saber se é lícito a um católico, em caso de doença, recorrer a “passes” ou “bênçãos” dados por médiuns espíritas, etc. etc.

A toda hora temos dúvidas que não sabemos resolver bem, e podemos fazer disparates, tomando decisões precipitadas ou dando conselhos de consequências desastrosas, achando que agimos bem. Como doem, por exemplo, os erros cometidos na educação dos filhos! Ou os cometidos por enganar-nos na escolha da vocação!

Por isso, é tão necessário aumentar a devoção ao Espírito Santo e pedir que nos ilustre sempre com as suas inspirações. Eu lhe sugiro agora que medite sobre as suas dúvidas de consciência, dúvidas que talvez deixou ficar enrustidas, sem resolver, quando deveria ter procurado, antes de que fosse tarde, a resposta de Deus na oração e no conselho de um bom orientador.

**Prudência e Conselho são para todas as horas**

É importante perceber que a prudência cristã, que nós pedimos juntamente com o dom de Conselho, não é necessária só para as grandes ocasiões e problemas, mas também para as coisas comuns do dia-a-dia.

Detenhamo-nos num exemplo concreto: as numerosas dúvidas e questões relacionadas com a *virtude da ordem* (sem a qual não há nenhuma virtude).

É um fato que todos nós podemos organizar os horários do nosso dia como bem entendermos, dentro de certas limitações externas. Acontece, porém, que, de duas pessoas que têm idêntica carga horária de trabalho e transporte, uma *encontra tempo* para Deus, para a família, para obras de caridade e para atividades apostólicas..., e a outra *não tem tempo* para nada.

Que acontece aí? Certamente não é fácil achar tempo nos dias de hoje, quando os horários de trabalho se alongam cada vez mais, e, nas cidades grandes, precisamos gastar um tempo enorme no trânsito. Mas nunca deveríamos esquecer que o tempo é de “borracha”. Quer dizer, que o mesmo tempo pode ser “esticado” ou “encolhido”, dar para muito ou não dar para nada, dependendo da saúde espiritual e moral da pessoa.

Para dizê-lo de outra forma, tudo depende da seriedade do nosso “querer”. Quando alguém quer muito uma coisa (porque ama, porque tem a convicção de que é uma coisa boa, porque gosta muito, porque tem entusiasmo por aquilo), arranja tempo; não se sabe como, mas arranja tempo.

Quem quer muito fazer um curso superior, faz “equilibrismos”, mas arranja tempo; o namorado ou a namorada apaixonados arranjam tempo para namorar; o torcedor roxo, arranja tempo para fazer fila na bilheteria de um clássico de futebol; a dona de casa viciada em telenovela, arranja tempo para não perder nenhum capítulo...

E não se diga nada do “tempão” que muitos dedicam a programas noturnos de televisão, ao celular, às redes sociais, ao *tablet*..., com coisas muitas vezes indecentes. Há um monte de gente que faz isso e, ao mesmo tempo, afirma que não têm tempo para rezar, para ler, para trocar ideias em família, para visitar parentes ou doentes...

### **Precisamos muito pedir esse dom**

Por isso é importante pedirmos a Deus que nos ajude a ter a prudência potenciada pelo dom de Conselho, de modo a organizar e aproveitar o tempo da vida – que sempre é breve – para aquilo que realmente vale a pena, para as coisas que Deus nos pede em primeiro lugar.

É óbvio que isso exige sacrifício, pois é muito mais fácil seguir a “lei do gosto” que a “lei do amor e do bem”. A “lei do gosto” leva-nos a dizer com excessiva facilidade: “Não dá”. E assim, na base de “não dar”, a vida vai se escoando, vazia das coisas que Deus quer e cheia das coisas que Deus não quer.

O dom de Conselho nos é dado também para que possamos “aconselhar” os outros. Todos temos o dever – que pode ser mesmo grave – de “dar bom conselho”, que é uma das principais “obras de misericórdia” espirituais. Pensemos nos deveres dos pais, dos mestres, dos formadores, dos conselheiros espirituais; ou simplesmente dos amigos que confiam em nós e nos pedem uma palavra de esclarecimento.

Não podemos nos furtar a essa ajuda. Por isso, faz-se necessário que rezemos muito, a fim de que o dom de Conselho torne mais lúcida a virtude da prudência, e nos ajude a escolher as *metas* boas da vida própria ou alheia, e os *meios* bons necessários para alcançá-las.

Daí também a importância de pedirmos conselho a quem tenha autoridade moral para o dar e – sempre que possível – termos um diretor espiritual com quem periodicamente possamos abrir a alma e expor as dúvidas, as necessidades espirituais e as confusões morais, que todos nós carregamos.

#### ***Peçamos a Nossa Senhora:***

“Mãe do bom conselho, alcançai-nos do Espírito Santo as luzes necessárias para caminhar bem pela vida e encaminhar bem os demais. Que, com essa ajuda, saibamos avançar por uma senda reta e santa que nos conduza até Deus, até a verdadeira felicidade, passando pela ponte da Cruz.

“Virgem santa e prudente, cheia das luzes do Céu, não permitais que fiquemos sem guias bons e santos, que sejam o eco vivo do vosso Filho Jesus, o Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas e as leva aos pastos da Vida divina.

“Não permitais que a vossa Igreja e as instituições da Igreja fiquem privadas de santos pastores, que sejam “outros Cristos”. Que saibam dar exemplo, e aconselhar, e guiar, e puxar, *suave e fortemente*, para os mais altos cumes do amor cristão a Deus e ao próximo, sem desistirem nunca de acompanhar-nos, com paciência e esperança, até as alturas da santidade.

## **6. O DOM DE FORTALEZA**

### **Almas corajosas e pacientes**

Há uma definição bastante breve do dom de fortaleza, que diz que é o dom que nos torna capazes de assumir com coragem as lutas necessárias para levar uma vida cristã, uma vida santa. Essas lutas espirituais são de dois tipos.

— O primeiro consiste em ter *coragem* para correr atrás dos ideais grandes e das virtudes difíceis que Deus nos pede, sem fugir deles por medo, nem desistir a meio caminho porque o esforço custa e cansa.

— O segundo é a *paciência* necessária para aceitar com firmeza as contrariedades, incompreensões e até mesmo perseguições que possam surgir, quando nos decidirmos a ser cristãos de verdade.

O exemplo máximo, o cume da fortaleza cristã, é o martírio: dar a vida por amor a Deus antes que renegar a fé, antes que ofendê-lo. É o exemplo que nos têm dado e nos dão – hoje talvez mais do que nunca – inúmeros cristãos em todo o mundo.

Dá alegria verificar que há muitos mártires brasileiros, que estão nos ajudando, com o seu exemplo e a sua intercessão, para que nos mantenhamos firmes na fé e na moral cristã.

### **O exemplo dos mártires brasileiros**

Vale a pena lembrar, ainda que resumidamente, dois exemplos maravilhosos, e peço a Deus que isso nos anime a ler e conhecer melhor a santidade heroica de tantos católicos brasileiros que já são venerados nos altares.

- O primeiro exemplo é o dos mártires do Rio Grande do Norte. O Papa Francisco decidiu canonizar trinta deles.

Durante o domínio holandês, houve uma perseguição de calvinistas contra os católicos. Em 16 de julho de 1645, alguns soldados holandeses, com o auxílio de guerreiros indígenas, invadiram uma igreja em Cunhaú, durante a Santa Missa. Logo depois da elevação da hóstia, martirizaram barbaramente o celebrante, o padre nonagenário André de Soveral, e mais 69 fiéis (homens, mulheres e crianças), que morreram invocando Jesus e Nossa Senhora.

Dois meses e meio depois, em 3 de outubro, foram martirizados, à beira do rio Uruaçu, o padre Ambrósio Francisco Ferro e várias dezenas de fiéis católicos, enquanto se ouvia a voz do leigo Mateus Moreira rezando: “Louvado seja o Santíssimo Sacramento”.

- Também foi beatificada uma maravilhosa menina catarinense de doze anos, a Bem-aventurada Albertina Berkenbrock, que, em 15 de junho de 1931, imitando o exemplo de Santa Maria Goretti, preferiu morrer antes que ofender a Deus cometendo um pecado grave contra a castidade, apesar das pressões e ameaças do homem que acabou matando-a. Que exemplos para a fé e a moral tão fraquinhas de muitos católicos atuais!

Não há dúvida de que, sem o auxílio da graça de Deus e, concretamente, do dom de Fortaleza, nenhum de nós conseguiria ter a coragem de abraçar o martírio.

Mas não fiquemos pensando só nessas situações extraordinárias, que provavelmente nunca se apresentarão na nossa vida. Pelo contrário, todos nós precisamos diariamente de coragem e fortaleza para enfrentar e suportar, tal como Deus nos pede, muitas dificuldades.

Por exemplo, faz parte da fortaleza cristã:

- a paciência que a mãe precisa ter com os filhos, ou a professora com os alunos rebeldes ...

- a firmeza que uma moça católica bem formada precisa ter para não ceder às tentações contra a castidade no namoro, ou às que surgem nos ambientes de balada e bebida em que há muita licenciosidade ...

- a força moral de que precisa um político, um advogado, um policial, um fiscal da receita, um gerente de vendas e tantos outros profissionais, para não se deixarem corromper com propinas ou acordos desonestos...

- a coragem de mostrar as convicções cristãs, sem alarde nem agressividade, mas também sem covardia, quando Cristo, a Igreja e as suas instituições, ou algumas verdades da fé ou princípios de moral, são atacados ou ridicularizados.

### **“Posso tudo naquele que me dá forças”**

Dizíamos que, sem a graça do Espírito Santo e os seus dons, nós não seríamos capazes de viver a fortaleza cristã. Mas isso não é desculpa para justificar as fraquezas em que caímos pela nossa preguiça, pela tibieza espiritual, pela falta de abnegação e espírito de sacrifício.

É muito cômodo alegar, usando a frase de Cristo no Horto das Oliveiras, que *a carne é fraca* (Mt 26, 41). Mas evitamos reconhecer que “a graça de Deus é forte”,

porque o *Espírito Santo vem em auxílio da nossa fraqueza* (Rm 8,26) e, por isso mesmo, perante qualquer dificuldade, podemos exclamar como São Paulo: *Posso tudo naquele que me conforta!* (Fl 4, 13).

Como isso ficou claro no dia de Pentecostes, quando os discípulo e as santas mulheres receberam o Espírito Santo!

Os Apóstolos andavam encolhidos, apavorados, cheios de medo dos que mataram Jesus. Mal receberam, porém, o Espírito Santo, na hora se puseram de pé, enfrentaram uma multidão de milhares de peregrinos que tinham ido à festa em Jerusalém, e começam a pregar sobre Jesus Cristo, com enorme desassombro: *Que toda a casa de Israel saiba, com a maior certeza – clamava São Pedro em alta voz –, que este Jesus que vós crucificastes, Deus o constituiu Senhor e Cristo* (At 2,36).

Mas, antes de saírem de peito aberto diante de todos e de arriscar a vida, o que eles fizeram? Passaram dez dias reunidos no Cenáculo, junto com Maria a Mãe de Jesus, orando sem cessar: *Subiram ao quarto de cima, onde costumavam permanecer... Todos eles perseveravam unanimemente na oração* (At 1, 13-14).

- Rezar é sempre o primeiro passo, que deve preceder, acompanhar e seguir todas as nossas ações. Na Missa de Pentecostes, a Igreja se dirige ao Espírito Santo com estas palavras: *Sem o vosso poder divino, nada há de bom no homem, nada há que seja puro*. Portanto, rezar, rezar e rezar...

- Mas há um outro passo imprescindível. Para obter a fortaleza de Deus, é preciso que nós nos esforcemos sinceramente, com generosidade, em colaborar com o Espírito Santo, tomando a nossa cruz, como Cristo nos pede: *Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me* (Mt 16, 24).

Uma cruz que é, habitualmente, o nosso sacrifício diário, voluntário, corajoso e simples ao mesmo tempo. Por exemplo:

- oferecer a Deus a mortificação de calar-nos, quando estamos irritados; de não nos queixarmos quando temos motivos de queixa;
- ou de comer um pouco menos do que mais gostamos, e um pouco mais do que não gostamos;
- ou o esforço de levantar na hora certa, sem conceder um minuto à preguiça;
- ou a mortificação de acabar até o fim, com perfeição, cada trabalho, ainda que estejamos cansados;
- ou a mortificação de não deixar de fazer oração, leitura espiritual e outras práticas espirituais, mesmo num dia muito apertado de tarefas...

Como diz um antigo ditado cristão, *per crucem ad lucem* –“pela cruz até a luz”.

***Peçamos a Nossa Senhora:***

“Mãe de Jesus Cristo, Virgem fiel, ajudai-me a compreender que só pelo *caminho íngreme*, e pela *porta estreita*, de que falava vosso Filho, que só abraçando sua Cruz é que as almas podem subir até a perfeição e chegarem felizes à Casa do Pai.

“Intercedei ante o divino Espírito Santo, para que nos conceda o dom de Fortaleza, que nos torne perseverantes para praticar as virtudes difíceis, corajosos para enfrentar as contrariedades, e pacientes para abraçar os sacrifícios que Deus nos peça no caminho da fidelidade cristã”.

## **7. O DOM DE TEMOR**

### **O que é o temor de Deus?**

O dom de Temor de Deus talvez seja um dos menos compreendidos. Na nossa linguagem comum, a palavra “temor” sugere medo, receio..., até desconfiança. Poderia dar a ideia de que esse dom consiste em ter medo da severidade de Deus, dos seus castigos nesta terra e no inferno... Como se imaginássemos Deus como um fiscal ou um juiz rigoroso.

Como é lógico, esse conceito está completamente errado. A primeira coisa que Jesus nos ensinou é que Deus é Pai e nos ama. Por isso, São João Paulo II dizia que esse dom «não significa medo irracional, mas sentido da responsabilidade e de fidelidade à lei de Deus». E acrescentou que consiste, sobretudo, no temor de ofender esse Pai boníssimo: «é o próprio amor de Deus – dizia – , que faz com que a alma se preocupe de não causar desgosto a Deus, amado como Pai».

São João Paulo II fala de “responsabilidade” diante de Deus. Todos temos consciência de que a responsabilidade é o contrário da leviandade, da falta de seriedade. Infelizmente, alguns confundem a confiança em Deus (não ter medo de Deus) com uma informalidade que beira a falta de respeito, um à vontade religioso, que é pura grosseria. Uma coisa é ter confiança carinhosa de filhos de Deus, e outra muito diferente é perder o sentido – fundamental! – da adoração e a da “urbanidade da piedade”<sup>16</sup>.

### **Delicadeza de amor e adoração**

São Paulo bem que alertava, com palavras que sacodem a alma: *Não vos enganeis: de Deus ninguém zomba* (Gl 6, 7-8). É uma pena ver, inclusive dentro da igreja e em atos de culto, católicos que – com pretextos inconsistentes – faltam aos detalhes mais elementares de educação, de respeito e de delicadeza para com Deus. Conversam distraídos; vão vestidos, diante do sacrário ou na Santa Missa – que é o ato mais sagrado da terra –, como se estivessem num churrasco, quando não andam de forma indecorosa.

São Josemaria falava com tristeza dos que, possivelmente por não terem recebido uma boa formação, «não sabem assistir à Missa, nem benzer-se (fazem uns estranhos trejeitos, cheios de precipitação), nem dobrar o joelho diante do Sacrário (suas genuflexões ridículas parecem um escárnio), nem inclinar reverentemente a cabeça diante de uma imagem da Senhora»<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> *Caminho*, n. 541

<sup>17</sup> *Ibidem*



Mais doloroso é saber que muitos comungam tranquilamente em estado de pecado mortal, sem se terem confessado antes, esquecendo que São Paulo diz que todo aquele que *comungar indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor...* E que aquele que comunga *sem distinguir o Corpo do Senhor* (sem estado de graça, sem fé, sem arrependimento), *come e bebe a sua própria condenação* (1 Cor 11, 27 e 29).

Por isso, ao pedir ao Espírito Santo o dom de temor, será bom que lhe peçamos o espírito de amorosa adoração, que é um aspecto importante desse dom e um dos sentimentos mais belos e santificadores da vida cristã.

### **O temor de ofender a Deus**

Será muito agradável a Deus que peçamos – para nós e para todos – que o Divino Espírito Santo:

- nos abra os olhos à infinita grandeza e bondade de Deus;
- nos ajude a ter um sentimento tão vivo da majestade de Deus, que nos abisme numa adoração profunda: uma adoração tão clarividente que torne o nosso coração capaz de extasiar-se perante a beleza e grandeza infinita do Amor de Deus;
- nos mova a dar graças a Deus, conscientes de que, por mais que façamos, não temos como agradecer a sua bondade e os seus dons.
- e nos torne também capazes de experimentar um santo temor de pecar, de ofendê-lo e de nos afastarmos dEle.

Esse último ponto é importante: temer ofender a Deus, justamente porque queremos amá-lo muito. É algo parecido com o que acontece à pessoa que ama outra com loucura, e, por isso, sofre e se atormenta só de pensar que possa lhe ter causado um desgosto.

Este é o *temor filial*, o autêntico *temor* de Deus. Dele falava Santa Teresa de Ávila nestes termos: «Trabalhai sempre por adquirir uma determinação tão grande de não ofender ao Senhor, que estejais dispostas a perder mil vidas de preferência a fazer um pecado mortal; e dos veniais guardai-vos com sumo desvelo»<sup>18</sup>.

Os que só reagem por medo do castigo divino, e não por temor amoroso, caem inevitavelmente em duas doenças graves da alma, que costumam levar à ruína espiritual.

- A primeira, é que pouco se importam com os pecados veniais, porque não são de molde a merecer as penas do inferno. Acontece, porém, que o acúmulo de pecados

---

<sup>18</sup> *Caminho de perfeição*, cap. 41

veniais, sem o devido arrependimento, vai levando à cegueira da alma, à perda de sensibilidade moral, e precipita facilmente no pecado mortal.

Se alguém chegar a esse estado infeliz – Deus não o permita! –, então, sim, pode ter medo da justiça divina, porque, como lembrávamos acima, *com Deus não se brinca*. E ser indiferente aos pecados veniais é brincar com Deus. É como se a pessoa dissesse: Senhor, a Ti que morreste na Cruz por mim, pouco me importa ofender-te, ferir-te a cabeça com espinhos, desde que isso não me prejudique a mim, isto é, não me ponha em perigo de condenação eterna.

- A segunda doença está ligada à primeira, por ser também falta de amor. Consiste na incapacidade de viver o arrependimento verdadeiro – de ter dor de amor pelos pecados, graves e leves – e, em consequência, na incapacidade de entender o valor da penitência e da reparação.

### **Espírito de penitência**

Muitos não gostam de ouvir falar de penitência, e repugna-lhes fazer penitências como um jejum, ou uma vigília mais prolongada de adoração ou oração, ou um dia sem televisão, ou uma Quaresma sem bebida alcoólica, com a intenção de reparar pelos pecados, unindo-nos à Cruz redentora de Nosso Senhor, que padeceu para expiar esses nossos pecados. No entanto, a nossa fé nos ensina que penitência é necessária para purificar a alma, aprimorar o amor e fazer amadurecer o espírito de filhos de Deus.

Uma das maiores desgraças que um homem pode ter é não ser capaz de se arrepender<sup>19</sup>. Aquele que passar pela vida sem ter aprendido a chorar com as lágrimas da pecadora que pediu perdão aos pés de Jesus (Lc 7, 36 ss), será fatalmente um ser humano mutilado na sua grandeza e diminuído na sua dignidade.

Aquele que não “sabe” arrepender-se acaba por endurecer-se nos seus defeitos, e –para dizê-lo com crueza – morre ignorando o que significa a palavra *amor*, aquela palavra que resume o primeiro e principal de todos os mandamentos: “Amarás a Deus sobre todas as coisas” (Mt 22,37).

Enquanto não brotar uma lágrima de verdadeiro arrependimento, o coração humano, mesmo o que parece bom e limpo, não possuirá o segredo do acesso ao Coração de Cristo. As lágrimas penitentes são a chave que abre essa porta. Sem elas, para nós, pecadores, não há outra que abra.

---

<sup>19</sup> Cf. F. Faus: *Lágrimas de Cristo, lágrimas dos homens*, 2ª ed., pp. 69 ss.

Com que sensibilidade espiritual, um poeta medieval que largou a vida no mundo e entrou no convento, Jacopone da Todi, pedia a Nossa Senhora essa dor de amor, que encerra em si o temor filial de ofender a Deus. É o famoso poema *Stabat Mater*, que vários dos maiores compositores musicaram:

«Eia, Mãe, fonte de amor, / fazei-me sentir a dor / para que eu chore convosco. / Que arda o meu coração / no amor a Cristo Senhor, / para que possa agradar-Lhe./ Fazei isto, santa Mãe: / gravai fundo em minha alma / as chagas do vosso Filho./ Junto à Cruz eu quero estar, / minhas lágrimas juntar / às que lá Vós derramastes».

### **Peçamos também a Nossa Senhora:**

“Ajudai-nos, Virgem pura, a ter um vivo sentimento da grandeza e da majestade de Deus, que nos abisme numa adoração profunda, cheia de reverência e humildade, e do temor filial de ofendê-Lo.

“Dai-nos luzes para compreender que cada pequena concessão a um pecado leve é uma rachadura na consciência e a ruptura de uma fibra da alma. Mãe, fazei que logo percebamos essas fendas, para que elas não se abram mais e mais até se tornarem portas abertas por onde entra o pecado mortal, por onde nós saímos a caminho do Calvário para crucificar novamente Jesus.

“Mãe, dai-nos um coração semelhante ao vosso, para que convosco possamos exclamar: *A minha alma engrandece o Senhor e o meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador!* E que saibamos dizer isso tão sinceramente, tão vibrantemente, que só o receio de que possamos de novo ofendê-Lo, após tê-Lo ofendido tantas vezes, desperte em nossa alma vivíssimos sentimentos de contrição, unidos ao propósito de nunca mais o ofender”

## **8. O DOM DE PIEDADE (para com Deus)**

### **A piedade dos filhos de Deus**

A palavra piedade, na linguagem cristã, tem dois sentidos. Por um lado, significa devoção, relacionamento afetivo com Deus, com Maria, com os Anjos e com os santos. Por outro, significa compaixão, dó, atenção carinhosa aos males, desorientações e sofrimentos do próximo. Nesta meditação consideraremos apenas o primeiro sentido: piedade para com Deus. Na seguinte refletiremos sobre a piedade para com o próximo.

O Papa João Paulo II diz que é o dom que cura a dureza do nosso coração e o abre à ternura com Deus; um dom que cria em nós sentimentos de carinho filial e de profunda confiança em Deus, a quem vemos como Pai providente e bom.

Deste dom falava São Paulo, quando dizia: *A prova de que sois filhos é que Deus enviou aos vossos corações o Espírito do seu Filho – o divino Espírito Santo – , que clama “Abá”, Pai!* (Gl 4, 6).

Lembre que o Espírito Santo é o grande fruto da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. Ao redimir-nos – como já comentávamos – Ele ganhou para nós o dom do Espírito Santo, o mesmo Espírito de Amor que inundava a sua alma e o fazia invocar seu Pai celestial com essa palavra aramaica, que São Paulo cita duas vezes: *Abá* (Pai, Papai, Paizinho), uma palavra impregnada de afeto que os primeiros cristãos guardavam e repetiam com imenso carinho.

### **O Espírito Santo, Mestre de oração**

Uma das primeiras ajudas que o Espírito Santo nos dá, com o dom de Piedade, é ensinar-nos a orar, a conversar de maneira íntima e confiada com nosso Pai Deus. São Paulo diz, na Carta aos Romanos, que nós *não sabemos orar como convém*, mas o Espírito Santo *intercede por nós*, e nos ajuda a fazer verdadeira oração, auxiliando-nos com seus *gemidos, suas inspirações inefáveis* (Rm 8, 26).

É tão fácil cair no erro de fazer uma oração que não seja verdadeira oração! Tal é o caso, por exemplo, das pessoas que rezam quando estão muito aflitas, mas depois se esquecem de agradecer e de continuar a rezar; ou dos que caíram na rotina ruim: fazem habitualmente umas rezas mecânicas, sem pensar no que dizem: «Eu a isso não chamo oração – dizia Santa Teresa –, ainda que muito mexam os lábios»<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> *Castelo interior ou Moradas, Moradas primeiras.*

Pior do que isso é dizer que, como é tão fácil se distrair ao rezar, é melhor só fazer oração nos momentos em que “sentimos” o impulso de orar, em que “gostamos” de orar. Confundem a oração com o bolo de chocolate.

A oração não é um “artigo de consumo”, que só se pratica quando dá gosto. Não está no mesmo nível da vontade de assistir um filme, tirar uma soneca, passear ou tomar um vinho ou café especial. Não confundamos a “autenticidade” com a satisfação egoísta.

É evidente que, quando se ama de verdade (os esposos que se amam muito, os pais e filhos que se querem bem) nem passa pela cabeça a ideia absurda de que esse amor só será autêntico nos momentos em que “der vontade”.

Os verdadeiros atos de amor pedem sacrifício, e nós os encaramos naturalmente como “deveres” importantes, sem que ninguém os imponha e sem fazê-los depender da disposição pessoal (a mãe sacrificada, que sente vontade de descansar, nem pensa nisso e “dá o sangue” pelo filho). Amar exige atos de doação que muitas vezes têm que ser feitos a contragosto... mas “querendo”, com uma sincera determinação da vontade, que é a melhor forma de amar.

### **Senhor, ensina-nos a orar!**

Jesus praticou o máximo ato de amor da história, que foi dar a sua vida por nós na Cruz, querendo-o com toda a força da sua “vontade”, mas sem sentir “vontade” nenhuma: *Meu Pai – dizia no Horto –, se é possível afasta de mim este cálice! Todavia não se faça o que eu quero, mas o que tu queres* (Mt 26, 39).

Por que nós não somos capazes de amar Deus assim? Ele, por exemplo, nos chama na Missa, Ele nos espera na Missa, Ele se entrega a nós na Missa..., e nós respondemos dizendo-lhe: “hoje não, não sinto vontade, não tenho disposição”.

Seria bom que, com muita humildade, pedíssemos a Jesus, como os Apóstolos: *Senhor, ensina-nos a orar!* E, com certeza, nosso Senhor nos responderia, como lhes respondeu: *Quando orardes, dizei: Pai* (Lc 11, 1-2). É para isso que o dom de piedade nos é dado, para que a oração seja, acima de tudo, um ato de amor filial.

Essa oração de filhos de Deus é como o arco-íris: tem muitas cores. Uma vez basta dizer: “Meu Deus, eu te amo!”. Outras, limitar-nos-emos a ficar diante do Sacrário como aquele lavrador que explicava ao Santo Cura d’Ars o tipo de oração que fazia: “Eu olho para Ele, e Ele olha para mim”. Outras, será a simplicidade de pedir humildemente o que necessitamos, sobretudo para a nossa alma e para o bem dos outros.

Não esqueçamos, além disso, a insistência com que Jesus nos move a pedir: *Pedi e recebereis, buscai e achareis, batei e vos será aberto... Se vós, sendo maus, sabeis dar coisas boas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celeste dará boas coisas aos que lhe pedirem* (Mt 7, 7-11). Isso prova que Deus gosta da nossa oração confiante, desde que esteja impregnada do espírito da segunda petição do Pai-nosso: *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu*.

E, igualmente, não esqueçamos como é bom orar só para agradecer; e também... só lendo e meditando a vida de Jesus e de Maria; e, às vezes, só dizendo: “Senhor, não sei fazer oração”<sup>21</sup>, mas quero dedicar-vos esse tempo, mesmo que seja só para fazer-vos companhia.

### **Fazer-nos como crianças**

Tudo isso nos traz ao pensamento como Cristo gosta de que sejamos simples de coração: *Se não vos fizerdes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus* (Mt 18,3).

As crianças não se complicam, sabem que são fracas, pequenas, que dão tombos e se machucam, que fazem tolices; mas, depois de umas lagriminhas nos braços da mãe ou do pai, voltam a brincar contentes, porque sabem que são queridas e se sentem protegidas; elas confiam totalmente nos pais.

Justamente essa confiança filial é um dos frutos específicos do dom de piedade, como recorda João Paulo II, com palavras que citávamos anteriormente: o dom de piedade enriquece a alma «com sentimentos de profunda confiança para com Deus, experimentado como Pai providente e bom».

Essa confiança pode ser vivida a cada hora, a cada minuto da nossa vida, da maneira mais simples: exercitando a fé na Providência, ou seja, recordando que nosso Pai Deus nos acompanha com carinho a cada instante, como dizia Jesus: *Não vos inquieteis; vosso Pai vê; vosso Pai sabe; não cai um passarinho do ninho sem a sua licença* (Mt 6, 25 e 10, 19).

Sim, Deus nos acompanha com zelo amoroso e, muitas vezes, as horas em que Ele está mais perto de nós são justamente aquelas em que – por causa de um sofrimento, de uma contrariedade – achamos que nos abandonou... Mas sempre, como dizia São Paulo, *Ele faz concorrer todas as coisas para o bem daqueles que o amam* (Rom 8, 28).

Por isso nos ajuda tanto fazer muitos atos de presença de Deus – “Senhor, creio que estás aqui, que me vês, que me ouves, confio em Ti” –, atos que nos movem a

---

<sup>21</sup> *Caminho*, n. 90

oferecer a Deus o que estamos fazendo, e, em consequência, a realizá-lo com a maior perfeição possível, com capricho, porque é um presente oferecido a nosso Senhor. Assim podemos experimentar a ajuda do dom de piedade mesmo no “trivial cotidiano”.

### **Peçamos a Nossa Senhora**

“Mãe, dai-nos uma confiança total no amor de Deus, nosso Pai. Uma confiança serena como a vossa, como a que tínheis quando o Pai vos guiava no escuro e por Ele vos deixáveis conduzir, sem revolta, sem desconcerto, sem insegurança e sem medo.

“Vós, Mãe, vos deixáveis guiar até à pobreza da gruta de Belém, até aos enigmas do incerto exílio no Egito, até à incompreensível separação do Menino quando se deixou ficar três dias no Templo. E também até à renúncia dos três anos de ausência – a vida pública! – quando só de tarde em tarde podíeis ver o vosso Menino, agora já homem feito de mais de trinta anos, totalmente entregue a pregar a Palavra da salvação, a perdoar os pecados e a sarar todos os males, e todas as angústias, e todos os enganos, e todas as tristezas dos homens pecadores, pois essa era a missão confiada a Ele pelo Pai.

“E, finalmente, Mãe, fostes fiel à vocação divina com que o Pai vos conduziu até à Cruz, onde a última das sete espadas transpassou o vosso coração. Sim, o Pai conduziu-vos ao Calvário, que é o cume do Amor. Ainda que pareça o cume do fracasso, é o extremo da pura doação. Conduziu-vos ao pé da Santa Cruz para atingirdes o cimo da vossa santidade, e a plenitude da vossa maternidade, da vossa mediação materna para com cada um de nós, os pobres pecadores que Jesus salvou e vos entregou como filhos.

## **9. O DOM DE PIEDADE (para com o próximo)**

### **Dom do amor fraterno**

«Mediante o dom de piedade – diz São João Paulo II –, o Espírito Santo sara em nosso coração todo tipo de dureza e o abre à ternura para com Deus e para com os irmãos». Sobre esse último aspecto, acrescenta que o dom de piedade nos comunica a ternura em forma de uma «abertura autenticamente fraterna para com o próximo, que se manifesta na mansidão».

Ao mesmo tempo, diz que esse dom «extingue no coração todos os focos de tensão e divisão, tais como a amargura, a cólera e a impaciência; e alimenta a alma com sentimentos de compreensão, de tolerância e de perdão».

Basta ler essas palavras, para perceber que temos de pedi-lo fervorosamente ao Espírito Santo, para que nos ajude a dar um salto de qualidade no nosso amor ao próximo, tão achatado pela nossa mesquinhez.

Como acabamos de ler, João Paulo II fala, em primeiro lugar, da «mansidão», como manifestação de «ternura fraterna», essa ternura que constantemente nos recomenda o Papa Francisco. E lembra que, para vivê-la bem, é preciso «extinguir os focos de tensão e divisão», e concretamente: «a amargura, a cólera e a impaciência».

### **Coração manso e humilde**

Jesus, que nos deu como mandamento principal o do amor a Deus e ao próximo (Mt 22, 36-40), é natural que nos peça que pratiquemos a mansidão, porque sem ela a caridade fraterna fica abalada. *Aprendeí de mim* – dizia Cristo –, *que sou manso e humilde de coração* (Mt 11, 29). Não é por acaso que Ele coloca juntas essas duas virtudes, a humildade e a mansidão, porque são duas irmãs gêmeas, inseparáveis.

Sem humildade é impossível ter mansidão. A maior parte dos pecados de ira, como as explosões de cólera, as irritações, as raivas e as impaciências procedem da falta de humildade, de que nos colocamos como centro de tudo, e qualquer coisa que nos contraria ou nos humilha provoca em nós uma reação de orgulho ferido, de irritação, de protesto.

Vale a pena meditar umas palavras densas de São Paulo, na sua Carta aos Colossenses: *Deixai de lado a ira, animosidade, maledicência, maldade, palavras torpes da vossa boca... Como eleitos de Deus, santos e queridos, revesti-vos de entranhada misericórdia, de bondade, humildade, mansidão e paciência. Suportai-vos uns aos outros e*



*perdoai-vos mutuamente, toda vez que tiverdes queixa contra alguém. Como o Senhor vos perdoou, assim perdoai também vós (Cl 3, 8.12-13).*

### **Como conseguir um coração manso e humilde?**

Como vencer o orgulho, como ganhar essa humildade necessária para querer bem?

— Em primeiro lugar, rezando, pedindo humildemente: “Jesus, manso e humilde de coração, fazei o meu coração semelhante ao vosso”.

— Em segundo lugar, colaborando com esta graça que pedimos – no caso, com o dom de piedade –, por meio da nossa luta para purificar a alma dos nossos maus sentimentos, dos defeitos do nosso mau caráter, que são como espinhos que ferem os demais.

Talvez possa ajudar-nos a concretizar propósitos práticos lembrar as seguintes sugestões<sup>22</sup>:

- Não repreender quando sentimos a indignação pela falta cometida – como diz São Josemaria Escrivá. Esperar até acalmar;
- Fazer o esforço de escutar pacientemente a todos, se possível com um sorriso nos lábios;
- não queixar-nos nem andar comentando a toda a hora as nossas dores de cabeça, de barriga ou de coluna nem, em geral, qualquer outro tipo de mal-estar, mas oferecer a Deus o sofrimento, e fazer boa cara;
- Não usar nunca as frases do Dicionário da Impaciência: “Você *sempre* faz isso!”, “*De novo*”, “Já é a *terceira vez!*”, “Já estou *cansado*”, etc., etc.;
- Evitar *cobranças* insistentes e antipáticas, e ajudar os outros com paciência, lembrando-lhes sem rispidez as coisas que esqueceram e estimulando-os a fazê-las;
- não implicar com pequenos maus hábitos ou cacoetes dos outros, mas deixá-los passar como quem nem repara neles: mania de bater na cadeira, de fazer ruído com a boca, de deixar luzes acesas e portas abertas;
- saber repetir calmamente as nossas explicações a quem não as entende;
- não buzinar na rua com raiva, e nunca olhar para a cara do motorista “barbeiro” quando ficamos indignados (não vendo-lhe a cara, é difícil ter raiva dele);
- rezar quando a ira começa a ferver, como aquela mãe impaciente que se tornou “rezadora”, e dizia nessas horas: “Mãe de misericórdia, rogai por nós (por mim e por esse moleque danado)”; e, quando começava a estourar uma discussão conjugal: “Meu Deus,

---

<sup>22</sup> Cf. F. Faus, *A paciência*, 2ª ed. pp. 36-42

que eu veja aí a cruz e saiba oferecer-Vos essa contrariedade! Rainha da paz, rogai por nós!”.

## **A compreensão e o perdão**

Passemos agora a esse outro aspecto da piedade mencionado pelo Papa João Paulo: a compreensão e o perdão, tão difíceis de viver. O que poderíamos fazer para melhorar nessas virtudes?

Sobre a compreensão, muitos bons orientadores espirituais aconselham a fazer-nos estas perguntas: – Eu amo só a “imagem ideal” que fiz dessa pessoa, e por isso não consigo compreender que a “realidade” seja diferente daquele ideal com que sonhei (por exemplo, quando iniciei o namoro). Estou disposto a amar a “imagem real”, ou seja, a pessoa verdadeira que convive comigo dia-a-dia, tal como ela é, com seus defeitos?

Pense um pouco e verá que a tal “imagem ideal”, que nos impede de compreender a “pessoa real”, é um bloqueio egoísta do nosso amor. Só após um sério esforço de compreensão é que podemos querer bem a pessoa, e ajudá-la pouco a pouco, com paciência, a ser melhor. Cada qual teria de fazer, neste ponto, um exame de consciência e, com o auxílio do Espírito Santo, definir esse “pouco a pouco” necessário para amar de verdade.

E em relação ao perdão? Não sente às vezes um certo malestar na consciência ao rezar, no Pai-nosso, *perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos aos que nos têm ofendido*. Talvez nos arrepie um pouco imaginar: – Olha que se Deus fosse “tão justo” que nos tratasse com a dureza com que nós tratamos os outros...!

O *Catecismo da Igreja Católica* dá um conselho que me parece muito realista: «Não está em nosso poder não mais sentir e esquecer a ofensa; mas o coração que se entrega ao Espírito Santo transforma a ferida em compaixão e purifica a memória, transformando a ofensa em intercessão» (n. 2843) .

Quer dizer, nós nem sempre somos donos das nossas emoções, mas podemos fazer duas coisas: esforçar-nos por ver o pecado do outro como o que é aos olhos de Deus, uma ferida que o prejudica, e termos pena disso; e depois, rezar por ele – aí está a “intercessão” –, mesmo que não consigamos “sentir” afeto ou simpatia pela pessoa por quem pedimos.

## **Peçamos a Nossa Senhora**

“Intercedei, Mãe nossa, perante o vosso Esposo, o divino Espírito Santo, para que o seu dom de Piedade nos conduza à grandeza de coração, à compreensão sincera e à desculpa, e à maravilha divina do perdão de todos quantos nos ofendem, nos caluniam ou nos querem mal. Que o dom de Piedade nos leve a rezar por eles, como vosso Filho Jesus fez e ensinou, sem jamais nos sentirmos melhores nem superiores a ninguém. E, sobretudo, que nos livre do veneno do ressentimento, que transforma o coração numa poça de ódio e tergiversação.

“Mãe do amor formoso! Mãe do Salvador! Queremos pedir a vossa mediação, – Onipotência suplicante! – para que todos nós, "pobres pecadores", crianças que sempre se extraviam e precisam de uma mão materna que as guie e de um regaço que as acolha; para que nós, "os degredados filhos de Eva", que sempre brincamos à beira do abismo do pecado, sejamos inflamados no Amor de Deus, "qual fogueira de purificação"– como pedia São Josemaria – , até chegarmos a ser aquela "chama viva de amor" do poema de São João da Cruz, que transborde em caridade infatigável e em zelo apostólico para com todos os nossos irmãos.

“Dai-nos, nós vos suplicamos, um amor abnegado e operante aos pobres e aos desamparados, aos encostados e aos tristes, aos humilhados e injustiçados, aos que o vício envolveu em seu manto letal, e a todos os que estão – essa é a raiz de todos os males – *alienados da vida de Deus* (Ef 4, 18).

## **10. O ESPÍRITO SANTO E MARIA**

### **A obra prima e Deus**

«Maria, a Mãe de Deus toda santa, sempre Virgem, é a obra prima da missão do Filho e do Espírito [a obra da Redenção], na plenitude do tempo. Pela primeira vez o Pai encontra nela – porque o Espírito a preparou –, a *Morada* em que seu Filho e seu Espírito podem habitar entre os homens»<sup>23</sup>.

«O Espírito Santo preparou Maria com a sua graça... É pelo Espírito Santo que a Virgem concebe e dá à luz o Filho de Deus... Em Maria, o Espírito Santo *manifesta* o Filho do Pai, tornado Filho da Virgem... Finalmente, por Maria o Espírito Santo começa a pôr em *Comunhão* com Cristo os homens, objeto do amor benevolente de Deus»<sup>24</sup>

A Virgem Maria, cheia do Espírito Santo e de todos os seus dons, correspondeu sempre às graças e dons que o Espírito Santo lhe concedia, sem nunca lhe opor a menor resistência. Ela foi sempre movida apenas pelo amor de Deus, e assim toda a vida dela foi conduzida pelo Amor divino em Pessoa, que é o Espírito Santo. Por isso pode ser chamada “obra prima de Deus”, como gostava de dizer São João Paulo II.

### **“Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo”**

Você se lembra da primeira vez que Nossa Senhora aparece no Evangelho? Foi no dia da Anunciação. Assim conta São Lucas esse “mistério”, no primeiro capítulo do seu Evangelho: *Entrando o Anjo onde ela estava, disse-lhe: Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo* (Lc 1, 28). A Sagrada Escriura, desde que começa a falar de Maria, contempla-a como uma criatura inseparavelmente unida ao Espírito Santo.

Vejamos isso de perto. O Anjo Gabriel saúda Maria com duas breves frases.

— A primeira é *Cheia de graça*. A fé nos ensina que toda a graça é dada pelo Espírito Santo, e que toda alma em estado de graça – livre de pecado grave–, é templo do Espírito Santo: *Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós?* (1 Cor 3, 16).

Se até mesmo uma alma que carrega bastantes pecados veniais é templo do Espírito Santo, ainda que com isso *contriste o Espírito Santo de Deus* (Cf. Ef 4, 30), quanto mais não o será Maria, concebida sem pecado original e jamais atingida por pecado

---

<sup>23</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 721

<sup>24</sup> *Ibidem*, nn. 722 a 725

algum. Quer dizer que, ao chamá-la *Cheia de graça*, o Anjo estava dizendo: – Tu és plenamente habitada pela graça do Espírito Santo, és o templo perfeito, a morada perfeita do Espírito Santo.

— A segunda frase é *o Senhor é contigo*. De que Senhor fala? Certamente não podia se referir a Jesus, que ainda não se tinha encarnado em seu seio puríssimo. Isso significa que quem “está com ela” ao receber a saudação do Arcanjo é o Espírito Santo, a quem nós também invocamos como *Senhor* na Missa, «Senhor que dá a vida».

Novamente Gabriel, na Anunciação, vai referir-se ao Espírito Santo, ao esclarecer a Nossa Senhora: *O Espírito Santo descera sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso, o santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus* (Lc 1, 35). Nesse momento *O Verbo se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1, 14).

### **Medianeira das graças**

Logo depois da Anunciação, o Evangelho narra o episódio da visitação de Nossa Senhora à sua prima Santa Isabel. Após saber pelo próprio Arcanjo que Isabel, já em idade madura, esperava o primeiro filho, *Maria se levantou e foi às pressas às montanhas, a uma cidade de Judá. Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança – o futuro São João Batista – estremeceu de gozo no seu ventre, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo* (Lc 1, 39 ss).

Se meditarmos um pouco, ficaremos encantados ao perceber que, desde o primeiro momento em que Maria se tornou a Mãe de Jesus, Deus quis se servir dela como de um instrumento para derramar a graça do Espírito Santo em outras almas. Já na Visitação, com Jesus ainda em gestação em seu seio, Deus fez de Maria “ponte” da graça do Espírito Santo para sua prima Isabel e seu filhinho João, também ainda no ventre materno.

É por isso que a Igreja invoca Nossa Senhora com o título piedoso de “Medianeira de todas as graças”. O Papa Leão XIII chegou a dizer: “Ainda que a graça e a verdade nos tenham vindo, sem dúvida, por Jesus Cristo, é vontade de Deus que nada se distribua se não é através de Maria, de sorte que assim como ninguém pode ir ao Pai senão pelo Filho, do mesmo modo ninguém pode chegar-se ao Filho senão pela Mãe”<sup>25</sup>.

Após as reflexões anteriores, agora é um bom momento para nos perguntarmos se a devoção a Nossa Senhora ocupa, na nossa vida, o lugar que Deus quer? Esquecemo-nos porventura que o próprio Deus quis (e continua a querer agora) trazer-nos as graças do Espírito Santo pela *mediação* maternal de Maria? É claro que a única fonte de graça é

---

<sup>25</sup> Encíclica *Octobri mensi*, 22/9/1891

Jesus, o Filho de Deus, *único Mediador entre Deus e os homens* (Cf. 1 Tm 2, 5), mas – como dizia Santo Tomás de Aquino – «Cristo sempre age pelo Espírito Santo», e gosta de agir a pedido de Maria e por intermédio dela, como em Caná da Galileia (Cf. Jo 2, 1 ss).

### **Portadora das alegrias de Deus**

Com nosso olhar ainda na cena da Visitação, é interessante lembrar que o Evangelho descreve o encontro de Maria com Isabel como uma verdadeira explosão de alegria. Isabel louva Maria, feliz, transbordando entusiasmo: *Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre*. Agradece em voz alta a honra de ter sido digna de receber a *Mãe do meu Senhor*, e acrescenta: *Pois assim que a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria no meu seio*.

Logo a seguir, a própria Maria, inundada de alegria, expressa o seu gozo no cântico do *Magnificat*: *Minha alma engrandece o Senhor e meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador* (Cf. Lc 1, 39-47). Toda esta cena, que tem o Espírito Santo como principal “protagonista”, é uma “explosão” de alegria.

É que a graça do Espírito Santo e a alegria vão juntas<sup>26</sup>. São Paulo coloca a alegria como segundo “fruto” do Espírito Santo, após o “amor” (Gl 5, 22). Como é bom tomarmos consciência de que a autêntica alegria, que tanto desejamos, é um fruto da ação do Espírito Santo na alma em graça, na alma que não profanou o *templo de Deus* – seu corpo e sua alma – com o pecado mortal. *Não sabeis que sois o templo de Deus* – ensina São Paulo –, *e que o Espírito de Deus habita em vós... O templo de Deus, que sois, vós, é sagrado* (1 Cor 3, 16-17).

O Espírito Santo, amor de Deus em Pessoa, é fonte de alegria, porque a alegria cristã é a irradiação do amor. Por isso, mesmo nos momentos difíceis da vida, se há amor a Deus e ao próximo, no fundo da alma reinam a paz e a alegria, que são compatíveis com as lágrimas. Bem dizia Léon Bloy que, na realidade, só existe uma tristeza, e é a de não sermos santos.

Com Maria, pela intercessão maternal dela, sempre poderemos alcançar ou recuperar a graça do Espírito Santo. Tendo um trato filial com Nossa Senhora, seremos capazes de aspirar à santidade, mesmo sendo pobres pecadores, como de fato o somos. Deus só nos pede isso: aspirar à santidade, pedi-la humildemente e colaborar com a graça. E é uma verdade muito grande, talvez hoje mais do que nunca, o que dizia São Josemaria Escrivá: «Um segredo – Um segredo em voz alta. –Estas crises mundiais são crises de santos»<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> Cf. F. Faus, *As verdadeiras alegrias*, Quadrante 2016

<sup>27</sup> *Caminho*, n. 301

Roguemos à nossa Mãe, Santa Maria, que nos acompanhe até um encontro cada vez mais intenso com o Amor que santifica, com o Espírito Santo. Que Ela nos dê a mão e nos conduza, como o fez com os Apóstolos, quando os animava a esperar, perseverando juntamente com ela na oração, a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes (At 1, 13-14).

### **Peçamos a Nossa Senhora**

“Esposa do Espírito Santo, Mãe da divina graça! Fazei-nos compreender que as alegrias de Deus, *que ninguém pode tirar* (Jo 16, 22), só podem ser usufruídas pelas almas que se empenham em viver a sério a santidade a que Jesus nos chamou: *Sede, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus* (Mt 5, 48).

“Fazei-nos entender, Mãe nossa, que essas alegrias, intimamente unidas à *paz que o mundo não pode dar* (Cf. Jo 14, 27), são fruto do Espírito Santo – que é o Amor no seio da Trindade –, da docilidade à sua Graça, às suas inspirações e, sobretudo, aos seus sete Dons.

“Que vejamos que elas são fruto da vida de oração, da união com Cristo na Cruz, da mortificação generosa; da vibração apostólica, da entrega *aos que ignoram e erram* (Hb 5, 2), da solicitude para com os que sofrem e da caridade para com todos.

“Que compreendamos que essas alegrias procedem somente do "fogo de Cristo" – o divino Espírito Santo! – que a alma em graça traz, como num templo, dentro do seu coração”.